

Abertura

Por **JOÃO CARLOS ESPADA**

Director do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica portuguesa. Director de *Nova Cidadania*

As ideias têm consequências... e a ausência delas também

Nesta edição de *Nova Cidadania*, o leitor encontrará três temas centrais, além da tradicional variedade de ensaios e autores: os 40 anos do 25 de Novembro de 1975; os 50 anos da morte de Winston Churchill, a 24 de Janeiro de 1965; a primeira edição integral em Portugal da obra de Edmund Burke, *Reflexões sobre a Revolução em França*, originalmente publicada em inglês em 1790.

Existe alguma relação entre estes três temas, aparentemente tão distintos e distantes entre si?

Acreditamos que sim, e gostaríamos de sugerir algumas possíveis relações.

Em primeiro lugar, os três temas simbolizam o mesmo compromisso político fundamental para com a liberdade ordeira sob a lei, a mesma recusa do igualitarismo revolucionário, o mesmo compromisso para com uma visão institucionalista, gradualista e pluralista. Estes são os pilares do Governo representativo limitado pela lei que o 25 de Novembro restaurou em Portugal; que Winston Churchill — com a ajuda dos povos de língua inglesa — salvou na Europa; e que Edmund Burke defendeu, na sua crítica ao jacobinismo autoritário da revolução francesa de 1789.

Uma segunda possível ligação pode



decorrer de uma interrogação, talvez incómoda: por que motivo tivemos de aguardar 225 anos pela publicação em Portugal da obra-prima de Edmund Burke de 1790? Talvez a resposta possa estar relacionada com a razão pela qual tivemos a mais longa ditadura da Europa (1926-1974) e a última tentativa de realização de uma revolução comunista também na Europa (entre o 28 de Setembro de 1974 e o 25 de Novembro de 1975).

Sob a censura do Estado Novo (prece-dida pela anarquia autoritária da I República), cresceu a aridez do debate político entre nós. Sobre essa aridez, germinou a “doença infecciosa” (como Burke chamou às ideias da revolução francesa) do radicalismo esquerdista, da inveja igualitária, do dogmatismo revolucionário.

A queda abrupta do Antigo Regime, a 25 de Abril de 1974, confirmou a ideia Burkeana de que as revoluções resultam de reformas adiadas. Mas também ilustrou o seu alerta precoce de que as ideias têm consequências — e de que, em última instância, elas só podem ser enfrentadas pelo poder de outras ideias.

Por outras palavras, as ideias têm consequências — e a ausência delas também. Isto ficou penosamente ilustrado pelo PREC e pelo facto de não termos sido capazes de fazer uma transição “pactada” e tranquila à democracia. O “milagre português” ocorreu por isso a 25 de Novembro de 1975, quando uma contra-revolução pacificamente restaurou a pureza original da aspiração democrática do 25 de Abril.

Por todas estas razões, o silêncio oficial que entre nós rodeou os 40 anos do 25 de Novembro é extremamente preocupante. No silêncio das ideias favoráveis à democracia liberal, crescerão inevitavelmente as ideias contrárias à democracia liberal — talvez estas estejam já a crescer sob o nosso olhar complacente.

Pela nossa parte, não trocaremos a batalha das ideias pela ausência de ideias ou pelo mimetismo de modas radicais. Acreditamos na nobreza ancestral da ideia de liberdade e responsabilidade pessoal, que funda a nossa civilização ocidental nos plurais pilares greco-romano, judaico e cristão. ■